



CASA GUILHERME DE ALMEIDA

TERRITÓRIOS FORA DA MOLDURA

A gravura do pintor holandês Frans Post (1612-1680) pertencente ao acervo do museu Casa Guilherme de Almeida – “Obsidio et expugnatio Portus Calvi” (1646) – é ponto de partida para uma reflexão sobre as noções colonizadoras de posse e divisão da terra, em contraste com a vivência coletiva em territórios que foram, em grande parte, obliterados nas representações coloniais e colonialistas do Brasil. Convidamos você a conhecer de perto as imagens da Nova Holanda, um recorte do nordeste do Brasil registrado pela comitiva de Maurício de Nassau, em disputa com o domínio português da *terra brasilis* e paralelo à história pouco registrada de Pindorama e Palmares. Em conversa com lideranças indígenas e quilombolas, com mulheres que defendem seus territórios, com educadores, historiadores (da arte e da cultura) e pesquisadores, vamos discutir até que ponto as imagens do Brasil colonial perduram e o quanto correspondem à realidade de hoje. Esse diálogo envolve interlocutores no Itaú Cultural, Instituto Ricardo Brennand (Recife, PE), Museu da Imigração, Museu da Língua Portuguesa, Museu Histórico de Itapira (SP), entre outras instituições culturais. Venha participar deste debate!

[Para se inscrever nas atividades, clique aqui.](#)

MAIO

Passeio e oficina

FRANS POST: PAISAGENS DE UM BRASIL HOLANDÊS

Com Ana Paula Iannone e Mônica Abreu

Em colaboração com o Itaú Cultural

Sábado, 4 de maio, das 14h às 17h30

Ponto de encontro: Casa Guilherme de Almeida - Rua Macapá, 187 (Sumaré)

A gravura de Frans Post (1612-1680) que representa os arredores de Porto Calvo, palco de disputas entre holandeses e portugueses na capitania de Pernambuco no século XVII, é ponto de partida para uma visita temática à Casa Guilherme de Almeida. O passeio prossegue rumo à coleção Brasileira (Espaço

Olavo Setúbal) do Itaú Cultural, onde está exposta a série completa de gravuras à qual pertence a do acervo da Casa, integrantes do livro *Rerum per Octennium in Brasilia* (1647), de Gaspar Barléu.

Após a visita aos dois acervos, a programação continua com uma oficina de desenho. Nesse contexto, os participantes poderão esboçar o entorno da Avenida Paulista da perspectiva de mirante, tendo como ponto de partida os panoramas de Frans Post, que inseriram o espaço dos trópicos na tradição de pintura de paisagem seiscentista de Flandres e da Holanda.

O passeio inclui transporte gratuito da Casa Guilherme de Almeida ao Itaú Cultural.

Ana Paula Iannone é produtora audiovisual graduada pelo Centro Universitário FIAM-FAAM (2017) e técnica museóloga formada pelo Centro Paula Souza (2020). Atua com gestão e preservação de acervo desde 2019 e atualmente é educadora da Casa Guilherme de Almeida.

Mônica Abreu é educadora, artista gráfica e manual e oficineira graduada em Artes Plásticas com habilitação em gravura pela ECA USP. Atuou com Conservação e Restauro, no Laboratório do CCSP, com Produção Cultural no Sesc e Pesquisa e Curadoria no MAC-USP. Como oficineira, já passou por espaços variados, como Casa Guilherme de Almeida, CCSP, e diversos Sesc's e centros culturais. Atualmente, é educadora na equipe de Mediação no Itaú Cultural.

Mesa-redonda

RECORTES DO BRASIL POR FRANS POST

Com Daniel de Souza Leão Vieira e Francisco Isaac Dantas de Oliveira

Segunda-feira, 6 de maio, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

A representação da paisagem brasileira pelo pintor neerlandês Frans Post (1612-1680), integrante da comitiva de Maurício de Nassau durante a ocupação de parte do nordeste do Brasil pela Holanda no século XVII, é tema desta conversa entre especialistas. Com foco na contribuição de Post para a história da arte e para a historicização da "Nova Holanda" no contexto colonial, a mesa-redonda discute as implicações e repercussões políticas e culturais das imagens e visões do Novo Mundo disseminadas nesse período.

Daniel de Souza Leão Vieira é professor adjunto do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da mesma universidade. Fez mestrado em História pela UFPE e doutorado em Humanidades pela Universiteit Leiden, nos Países Baixos. Escreveu, entre outros, *Frans Post e a paisagem da Nova Holanda* (2019).

Francisco Isaac Dantas de Oliveira é doutor em História Social pela PUC SP, com tese sobre a construção barroca em São Paulo, e mestre em História e Espaços pelo Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com dissertação sobre os espaços coloniais na obra de Frans Post. Atualmente professor substituto no Departamento de

História no CERES-UFRN/Caicó, é autor - entre outros títulos - *Frans Post e as Paisagens do Brasil Holandês* (2021).

Mesa-redonda

MUSEUS E SEUS DIFERENTES OBJETOS DE PESQUISA

Com Bruno Bortoloto, do Museu da Imigração, Junior Simão, do Museu de História Natural de Itapira, Luiza Magalhães, do Museu da Língua Portuguesa, com mediação de Fernanda Lé de Oliveira

Quinta-feira, 16 de maio, 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

Com tradução para Libras

A Casa Guilherme de Almeida convida pesquisadores para discutir a interseção entre museus, educação e pesquisa. A mesa será composta por profissionais da área do Museu da Imigração, Museu de História Natural de Itapira e Museu da Língua Portuguesa. Esta atividade consta na programação "Museus, pesquisa e educação", da Semana Nacional de Museus, promovida pelo IBRAM.

Bruno Bortoloto do Carmo é doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022) com período de estágio doutoral sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2019/2020). Por 13 anos foi pesquisador do Museu do Café, participando de diversas curadorias de exposições, projetos de história oral, pesquisas de referenciamento e publicações. Atualmente é pesquisador do Museu da Imigração.

Fernanda Lé de Oliveira é mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia na Universidade de São Paulo e integrante do grupo de pesquisa InterMuseologias – Laboratório Interfaces entre Museologias – Comunicação, Mediação, Públicos e Recepção, da mesma universidade. Atualmente é coordenadora operacional dos museus Casa das Rosas, Casa Mário de Andrade e Casa Guilherme de Almeida. Desenvolve pesquisas sobre patrimônios e coleções afro-brasileiras e indígenas.

Júnior Simão possui graduação em Ciências com Habilitação Plena em Biologia nas Faculdades Integradas Maria Imaculada, mestrado em Zoologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e especialização em Museologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor do Centro Universitário de Itapira e coordenador do Museu de História Natural da Prefeitura Municipal de Itapira.

Luiza Magalhães é pernambucana e atua como supervisora do Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa, à frente de ações de difusão e transposição de conteúdos. Especialista em Museologia, atua em espaços de cultura desde 2014, com passagem pelo Sesc Belenzinho e Museu Afro Brasil.

Curso para professores e educadores em geral

BRASILIANA PARA PENSAR A HISTÓRIA

Com Rodrigo Vieira

Sábado, 18 de maio, 14h às 26h

A partir de reflexões de obras representativas de uma Brasileira (conjunto de obras cujo tema específico é o Brasil) no acervo do museu, serão levantadas possibilidades de discussão em sala de aula sobre iconografia e história do Brasil.

Rodrigo Vieira é bacharel (2018) e licenciado (2021) em História pela USP. Foi educador estagiário do Museu de Arte Contemporânea dessa mesma universidade e mediador de exposições no SESC-SP. Hoje, atua como educador no Museu Casa Guilherme de Almeida.

Ciclo de conversas

VOZES DE OXUM

Concepção e mediação: Dayanne da Silva Santos e Anacleta Pires da Silva

De maio a dezembro de 2024

Ora yêyê ô! Mamãe Oxum! Oxum é a orixá mãe, ela tem sua existência ligada aos rios, às águas doces, sendo ela mesma o próprio rio. Pedimos licença aos rios, cachoeiras, poços d'água e igarapés para compartilhar saberes e fazeres em um cuité de encontros entre mulheres que são linha de frente na defesa de seus corpos, comunidades, terreiros e territórios tradicionais.

Durante as rodas de conversas, realizadas em frequência mensal, as convidadas compartilham histórias, ontologias, força e axé que travam nas lutas em defesa de suas comunidades, seja ensinando, cantando, plantando, amando, ocupando, costurando ou rezando. Cada narrativa aqui anuncia formas de existir e de resistir. Cada narrativa representa uma das nossas maiores ações contracoloniais, aquelas que nos mantêm vivas, ampliando caminhos políticos e encantados de existência para os povos de Pindorama e da diáspora, onde juntas escrevemos caminhos de vida e de defesa da mãe natureza, formando assim alianças contra o racismo e qualquer outra forma de opressão.

Anacleta Pires da Silva é mulher negra, quilombola, educadora popular, pedagoga, defensora popular de direitos da natureza, lavradora, poetisa, coqueira, compositora e cantora, instrumentista. Filha de mãe África, descendente de escravizados e escravizadas nas senzalas, nasceu e criou-se no Território Quilombola de Santa Rosa

dos Pretos, Itapecuru-Mirim (MA). também integra o Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA), da Universidade Federal do Maranhão.

Dayanne da Silva Santos é mulher afro-indígena, mãe, educadora popular, socióloga e de terreiro. Integra o Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA), na Universidade Federal do Maranhão, e o Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA/URGS), além de coordenar o coletivo Encontros Marginais.

TERRITÓRIO QUILOMBOLA SANTA ROSA DOS PRETOS E TENDA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Com Maria Dalva Pires Belfort e Josiclea Pires da Silva, do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, no Maranhão

Quinta-feira, 23 de maio, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

Com tradução para Libras

Josiclea Pires da Silva (Zica Pires), filha da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes (Tambor de Mina), é pedagoga formada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e também trabalha como ilustradora. Preta/Tribal afro-originária, integra o Coletivo Agentes Agroflorestais Quilombolas (AAQ), do Quilombo Santa Rosa dos Pretos (MA), onde vive. Identifica-se como “pindorâmica, a identidade que me cabe usar, depois de resistir a três meses de travessia no mar”.

Maria Dalva Pires Belfort (Dona Dalva), preta velha curandeira e filha do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos, no Maranhão, é filha da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes (tambor de mina), coreira do Tambor de Crioula de Santa Rosa, caixeira do Divino Espírito Santo e mestra dos saberes quilombolas. Dona Dalva ou, como é mais conhecida, Mãe Dalva é uma das militantes quilombolas mais importantes da cidade de Itapecuru-Mirim (MA), tendo percorrido sua trajetória de luta em defesa dos quilombos do Brasil sempre sorrindo e cantando doutrinas do tambor de mina.

Evento especial

CASA GUILHERME DE ALMEIDA... NA LIVRARIA AIGO

A Casa Guilherme de Almeida se associa a espaços da cidade de São Paulo que privilegiam as trocas interculturais, a fim manter o diálogo e “ocupá-los”. Esta série se inicia no Bom Retiro, tradicionalmente um bairro de migrantes, no qual foi criada, em 2023, a Livraria Aigo, com foco temático em livros sobre migração, literatura de viagem e assuntos correlatos.

Conversa

LIVRARIA AIGO FALA: EXPLORANDO MUNDOS A PARTIR DO BOM RETIRO

Com Agatha Kim, Paulina Cho e Yara Hwang, fundadoras dessa livraria de bairro independente e multicultural

Quarta-feira, 22 de maio de 2024, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

A primeira livraria no Bom Retiro em mais de 40 anos é tema desta conversa sobre migração, viagem e o trânsito dos livros hoje.

Agatha Kim é publicitária, pós-graduada em Sociopsicologia pela FESP-SP e em Não-Ficção pelo Instituto Vera Cruz. Possui mais de dezoito anos de experiência em branding e comunicação, com passagens por agências globais de propaganda.

Paulina Cho é mestre em Global Affairs na Tsinghua University e graduada em Direito pela USP. Possui mais de oito anos de experiência em liderança de projetos e é cofundadora da Observa China, uma rede independente que promove intercâmbios culturais entre os países.

Yara Hwang é graduada em Administração Pública pela FGV. Possui mais de quinze anos de experiência em administração de negócios e projetos culturais, com passagens pela Escola São Paulo e Associação Casa Azul.

Encontro

UMA FALA NA AIGO: VIVÊNCIA BILÍNGUE

Com Paula Kim e Yara Osman

Sábado, 25 de maio de 2024, 16h

Local: Livraria AIGO – Rua Ribeiro de Lima, 453, Loja 73, Bom Retiro

A experiência da identidade bicultural, ainda que pouco destacada na mídia, é fundamental para compreender as complexidades vivenciadas por imigrantes. A conversa explora trocas de diferentes experiências de imigração.

Paula Kim é cineasta, paulistana e fundadora da Sam Ka Pur Filmes. Tem bacharelado em Audiovisual pela ECA-USP e Master em Fine Arts pela Korea National University of Arts. Foi a única representante brasileira até hoje no programa L'Atelier do Festival de Cannes. Dirigiu o longa de ficção *Diário de Viagem* (2022) e o K-drama "Além do Guarda Roupa" (2023, HBOmax/Warner).

Yara Osman é tradutora, fotógrafa, pianista e formada em Odontologia. Nascida em Latáquia, na Síria, chegou ao Brasil como refugiada em 2016. Desde 2017, é palestrante no curso de formação em refúgio e direitos humanos para professores da rede pública estadual de São Paulo, no SESC. Participou de projetos musicais como Tananir, Sarau Vozes Femininas, Gurbah e Um Sonho. Como fotógrafa, integrou a exposição "Gurbah",

na Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, entre outras exposições coletivas.

JUNHO

Ciclo de conversas

VOZES DE OXUM

Concepção e mediação: Dayanne da Silva Santos e Anacleta Pires da Silva
De maio a dezembro de 2024

Ora yêê ô! Mamãe Oxum! Oxum é a orixá mãe, ela tem sua existência ligada aos rios, às águas doces, sendo ela mesma o próprio rio. Pedimos licença aos rios, cachoeiras, poços d'água e igarapés para compartilhar saberes e fazeres em um cuité de encontros entre mulheres que são linha de frente na defesa de seus corpos, comunidades, terreiros e territórios tradicionais.

Durante as rodas de conversas, realizadas em frequência mensal, as convidadas compartilham histórias, ontologias, força e axé que travam nas lutas em defesa de suas comunidades, seja ensinando, cantando, plantando, amando, ocupando, costurando ou rezando. Cada narrativa aqui anuncia formas de existir e de resistir. Cada narrativa representa uma das nossas maiores ações contracoloniais, aquelas que nos mantêm vivas, ampliando caminhos políticos e encantados de existência para os povos de Pindorama e da diáspora, onde juntas escrevemos caminhos de vida e de defesa da mãe natureza, formando assim alianças contra o racismo e qualquer outra forma de opressão.

Anacleta Pires da Silva é mulher negra, quilombola, educadora popular, pedagoga, defensora popular de direitos da natureza, lavradora, poetisa, coureira, compositora e cantora, instrumentista. Filha de mãe África, descendente de escravizados e escravizadas nas senzalas, nasceu e criou-se no Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim (MA). também integra o Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA), da Universidade Federal do Maranhão.

Dayanne da Silva Santos é mulher afro-indígena, mãe, educadora popular, socióloga e de terreiro. Integra o Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA), na Universidade Federal do Maranhão, e o Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA/URGS), além de coordenar o coletivo Encontros Marginais.

TERRA INDÍGENA RIO PINDARÉ (MA) E POVO INDÍGENA KAPIÓ PURI (MG)

Com Akayá Kapió Puri e Djelma Viana Guajajara

Segunda-feira, 20 de junho, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom
Com tradução para Libras

Akayá Kapió Puri é mulher preta, originária, mãe multiartista, ativista pelo bem viver e regeneração da terra, liderança espiritual da ordem ancestral, curandeira na linha da pajelança e educadora popular.

Djelma Viana Guajajara, liderança, comunicadora popular e semente teimosa da Terra Indígena Rio Pindaré (MA), é estudante de Administração pela UEMA.

Curso

RESISTÊNCIA COLONIAL NA LITERATURA DO QUEBEC (CANADÁ)

Com Débora Castro

Quartas, 5, 12 e 19 de junho, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

Como país do Norte Global, reconhecido como potência, o Canadá pode não parecer, a olhos brasileiros, um país colonizado. Um estudo da história de sua mais resistente província francófona, no entanto, revela-nos uma luta constante em busca de uma identidade própria entre as heranças coloniais francesa e inglesa, e um processo de sufocamento de minorias linguísticas, étnicas e culturais pela expansão anglófona inglesa e estadunidense.

O curso traça um panorama da história quebequense a partir da Revolução Tranquila (1960-70) e indica alguns de seus principais autores. Com base no registro histórico e literário da chamada Revolução Tranquila (anos 1960-70), o curso aborda autores que nos convidam a estreitarmos laços com o mais setentrional dos países americanos vítimas do processo colonial.

Débora Castro é arte-educadora, poeta e professora de francês como língua estrangeira. Graduada e licenciada em Letras (Português e Francês) na Universidade de São Paulo, fez mestrado em Estudos da Tradução pela mesma instituição. Interessada em temas como decolonialidade e o estabelecimento de vínculos entre leitores e obras de arte, trabalha como oficina desde 2019.

Encontro

FORA DA MOLDURA: PALMARES E TERRITÓRIO FULNI-Ô

Com Felipe Aguiar Damasceno e Tarcísio Twlkya

Terça-feira, 11 de junho, das 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

Com tradução para Libras

Na antiga capitania de Pernambuco, não muito longe de Porto Calvo, cujos arredores foram registrados pelo pintor holandês Frans Post no século XVII, situavam-se os mocambos e quilombos dos Palmares. Portos como esse serviram aos europeus e seus descendentes, desde o século XVI, como base para a invasão de territórios originariamente indígenas e para investidas contra as formações sociais que funcionavam como refúgio de escravizados. Prosseguindo uma reflexão sobre imagens coloniais – o que elas revelam e excluem –, esta conversa aborda a resistência histórica de Palmares e dos indígenas Fulni-ô, hoje habitantes de um território situado praticamente na mesma latitude da matriz dos quilombos.

Felipe Aguiar Damasceno é doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com estágio-sanduíche no Instituto Universitário de Lisboa, em Portugal, e mestre em História Comparada pela mesma instituição. Como pesquisador, dedica-se a temas como escravidão africana no Brasil e história dos mocambos de Palmares.

Twlkya – nome que significa “papagaio” em Yaathe – nasceu na aldeia de Águas Belas (PE), sendo filho de indígenas Fulni-ô. Registrado oficialmente com o nome de Tarcísio, realiza há nove anos atividades de vivência em escolas, pontos de cultura e festivais em diversos estados do Brasil. Desde 2014 lidera o grupo Yamititkwa Sato (“Os amigos”), integrado por indígenas da etnia Fulni-ô.

Palestra

FRANS POST E O COLECIONISMO NO INSTITUTO RICARDO BRENNAND

Com Hugo Coêlho Vieira

Quarta-feira, 26 de junho, 19h às 21h

Atividade realizada pela plataforma Zoom

Com o maior acervo de Frans Post do mundo, o Instituto Ricardo Brennand, localizado nas terras do antigo engenho São João, da Várzea, em Recife, abriga uma preciosa e diversificada coleção artística e histórica proveniente da coleção particular do industrial pernambucano Ricardo Coimbra de Almeida Brennand. Nesta palestra, o historiador e coordenador de pesquisa do Instituto abordará a importância cultural do museu como espaço de pesquisa, educação e produção do conhecimento, além de demonstrar as principais obras e coleções do acervo, especialmente a Coleção de Frans Post, primeiro pintor da paisagem brasileira.

Hugo Coêlho Vieira, historiador com doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e período sanduíche na Universidad de Salamanca (USAL), atualmente exerce o cargo de coordenador de pesquisa do Instituto Ricardo Brennand. Além de fazer a curadoria da exposição “Frans Post: o primeiro olhar - Uma imersão na paisagem do Brasil holandês”, organizou o livro *Brasil holandês: história, memória e patrimônio compartilhado* (2012). Atualmente vem desenvolvendo pesquisas na

biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello e nos catálogos da coleção de Ricardo Brennand.

Casa Guilherme de Almeida
Rua Macapá, 187 - Sumaré, São Paulo
www.casaguilhermedealmeida.org.br